

# A Linguística Aplicada em Perspectiva Complexa: diálogos transdisciplinares com a epistemologia da complexidade

*Applied Linguistics in Complex Perspective: transdisciplinary dialogues with the epistemology of complexity*

**Karin Claudia Nin Brauer**



[brauer.karin@ifsp.edu.br](mailto:brauer.karin@ifsp.edu.br)

Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

**Suzanny Pinto Silva**



[suzannypsb@gmail.com](mailto:suzannypsb@gmail.com)

Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil.

## Resumo

Frente as mudanças contemporâneas no mundo, caracterizadas pela imprevisibilidade, diferenças culturais, incertezas, pelos diferentes modos de interação e comunicação, surge a necessidade de repensar as conjecturas epistemológicas, metodológicas e políticas. Considerando esse contexto, o presente artigo tem por objetivo refletir sobre a interface entre a Linguística Aplicada, a Epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade, como caminhos epistemológicos e metodológicos possíveis para responder às demandas de um mundo plural, dinâmico e interconectado. O referencial teórico desta proposta é a Epistemologia da Complexidade (Morin, 2005, 2011), a Transdisciplinaridade (Nicolescu, 1999), a Linguística Aplicada (Celani, 1992, 1998; Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2006, 2017; Freire, 2020). A relevância deste estudo está em compartilhar uma visão que fortaleça modos de agir e pensar que possibilitem articular saberes e práticas possíveis de dialogar com as realidades e necessidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada; Epistemologia da Complexidade; Transdisciplinaridade.

## Abstract

*In light of contemporary global changes, characterized by unpredictability, cultural differences, uncertainty, and multiplicity of interaction and communication manners, the need emerges to reconsider epistemological, methodological, and political assumptions. Considering this context, this article aims to reflect on the interface among Applied Linguistics, the Epistemology of Complexity, and Transdisciplinarity as possible epistemological and*



10.23925/2318-7115.2025v46i2e73736



## FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 20/10/2025

Aprovação do trabalho: 18/11/2025

Publicação do trabalho: 17/12/2025

## AVALIADO POR:

Solange L. Vinagre Costa (PUC-SP)

Tatiane Molini Barros (PUC-SP)

## EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

## COMO CITAR:

NIN BRAUER, Karin Claudia; SILVA, Suzanny Pinto. A Linguística Aplicada em Perspectiva Complexa : diálogos transdisciplinares com a epistemologia da complexidade . The Especialist, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 91–106, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i2e73736.



*methodological paths to respond to the demands of a plural, dynamic, and interconnected world. The theoretical framework for this proposal is the Epistemology of Complexity (Morin, 2005, 2011), Transdisciplinarity (Nicolescu, 1999), and Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2006, 2017; Freire, 2020). The relevance of this study lies in advancing a perspective that strengthens ways of acting and thinking, enabling the articulation of knowledge and practices capable of engaging with contemporary realities and needs.*

**Keywords:** *Applied Linguistics; Epistemology of Complexity; Transdisciplinarity.*

## 1. Introdução

A Linguística Aplicada (LA), enquanto campo de estudos voltado/ ligado à compreensão e intervenção em práticas sociais mediadas pela linguagem, tem se caracterizado por um caráter/postura crítica e indisciplinar. Em meio aos desafios contemporâneos, marcados pela imprevisibilidade, diversidade cultural, incerteza, pelas múltiplas formas de interação e comunicação, emerge a necessidade de repensar seus pressupostos epistemológicos, metodológicos e políticos.

Esse movimento reflexivo torna-se ainda mais urgente em um mundo permeado pela complexidade das relações humanas e pela fluidez das fronteiras entre saberes, culturas e tecnologias. Diante desse cenário, a LA se vê desafiada a dialogar com epistemologias que reconheçam a incerteza, a interdependência e a não linearidade dos fenômenos.

Assim, este artigo tem por objetivo refletir sobre a interface entre a Linguística Aplicada, a Epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade, como caminhos epistemológicos e metodológicos possíveis para responder às demandas de um mundo plural, dinâmico e interconectado.

Para atingir o objetivo proposto, este artigo apresenta como aporte teórico a Epistemologia da Complexidade (Morin, 2005, 2011), que possibilita o diálogo de opostos, valoriza a imprevisibilidade, a incerteza; a Transdisciplinaridade (Nicolescu, 1999), a qual permite ir além das disciplinas escolares em busca da resignificação de conhecimentos para o mundo real; e a LA (Celani, 1992,1998; Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2006, 2017; Freire, 2020) que compreende as práticas de linguagem como contextualizadas, ideológicas e socialmente construídas, possibilitando interpretar o uso da linguagem em sua dimensão sociocultural.

Conforme Freire (2020), pensar a LA sob a ótica da complexidade e da transdisciplinaridade implica tecer redes de sentido entre saberes diversos, de modo que o conhecimento deixe de ser fragmentado e passe a ser compreendido como processo relacional, rizomático e co-construído. A autora propõe uma LA que articule saberes em movimento, em constante diálogo com o mundo vivido, e que assuma o caráter inacabado do conhecimento como um modo para a ação transformadora.

Partindo da concepção de que a LA se constitui como um campo interventivo e em constante reelaboração (Moita Lopes, 2006; Fabrício, 2006), buscamos discutir como os princípios da complexidade, tais como o hologramático, a recursividade, o dialógico, a autoecoorganização (Morin, 2005, 2011), podem contribuir para práticas pedagógicas e investigativas que reconheçam os diferentes saberes e a complexidade dos fenômenos sociais e linguísticos.

Nesse contexto, o presente artigo apresenta uma visão epistemológica da Linguística Aplicada, ressaltando suas mudanças e crises paradigmáticas que direcionam à necessidade de diálogo com novas perspectivas teóricas, como a Epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade. Essa retomada possibilita compreender como a LA se reorganiza em direção a uma postura mais crítica, reflexiva e integradora frente aos desafios contemporâneos.

## **2. Linguística Aplicada: campo em expansão e crise de paradigmas**

A Linguística Aplicada (LA) tem início, historicamente, com a finalidade de solucionar problemas práticos relacionados ao ensino e à aprendizagem de línguas. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, essa área passou a questionar seus próprios fundamentos, especialmente diante da insuficiência dos modelos positivistas e tecnicistas que privilegiavam a efetivação de práticas que buscavam transformar os indivíduos em modelo-padrão cerceando as características individuais e coletivas além de investir na criação de rótulos impedindo a comunicação e interação para explicar as práticas de linguagem.

Celani (1992) amplia a concepção tradicional da LA destacando que a área tem identidade própria e não deve ser entendida apenas como uma mera aplicação das teorias linguísticas. Desta forma, a linguista aplicada propõe uma autocompreensão da LA como campo autônomo, crítico e interdisciplinar, capaz de responder a questões concretas provenientes do emprego da linguagem em seu contexto social. Assim:

A Linguística Aplicada (LA) só pode firmar-se como área de pesquisa de direito próprio, respeitável no meio acadêmico, se os linguistas aplicados se dispuserem a fazer LA sem o injustificável complexo de inferioridade, ao invés de fazerem aplicação da Linguística. Parece que essa fase subserviente está ultrapassada e isso é reconhecido pelos linguistas aplicados (Celani, 1992, p. 21).

Segundo a autora (Celani, 1992), a LA se desenvolve como um campo interdisciplinar, situando-se em igualdade com outras ciências humanas e não como subordinada à linguística teórica. Ela defende que a LA se diferencia por pesquisar a linguagem em contexto, conectando variados saberes e construindo seus próprios aspectos teóricos. Tal perspectiva é vista como um avanço e ao mesmo tempo uma ruptura com as concepções mais tradicionais da época.

A Linguística Aplicada não estaria vinculada apenas a uma área do saber, recorrendo a outros campos como a sociologia, a história, os estudos culturais, a psicologia, a antropologia, a teoria da informação, além da linguística, ‘a fim de desenvolver seus próprios modelos teóricos de linguagem e de uso da linguagem’ (Celani, 1992, p. 17, grifos da autora).

Conforme Rajagopalan (2003) a LA se define por sua natureza indisciplinar, uma vez que não se restringe às fronteiras de uma ciência formal, mas se liga a diversos campos e saberes. Essa indisciplinaridade implica uma ruptura epistemológica: o abandono de uma concepção linear de ciência e o reconhecimento da linguagem como prática social, situada, ideológica e historicamente construída.

De acordo com Freire (2020) a LA transita entre as áreas e as transforma. A autora descreve a LA como um espaço de tessitura epistemológica, na qual o pesquisador se move entre fronteiras, criando conexões entre campos do saber que, antes, não dialogavam. Essa dinâmica de travessia, segundo Freire (2020), aproxima a LA de uma perspectiva ecológica de conhecimento, na qual cada novo diálogo desenvolve a rede de significados possíveis.

Moita Lopes (2006) afirma que a LA se constitui como espaço de tensão e de diálogo, no qual se produzem saberes em movimento e se questionam as formas hegemônicas de construir conhecimento. Há uma crise de paradigmas, em que a LA se distancia da busca por neutralidade e objetividade, passando a se orientar por princípios éticos, políticos e contextuais.

Segundo Fabrício (2006; 2017) a LA é um campo de desaprendizagem, um espaço de desconstrução de certezas e reconstrução de sentidos. Para a autora, o pesquisador da linguagem precisa lidar com o caos produtivo das interações humanas, assumindo que o conhecimento é

sempre parcial, relacional e afetado por diversas vozes.

Nessa direção, a LA deixa de ser uma ciência aplicada no sentido tradicional, que aplica teorias linguísticas a problemas externos, e passa a ser entendida como um campo de práticas discursivas que produz/elabora teorias, interpretações e intervenções contextualizadas. Essa mudança epistêmica abre espaço para o diálogo com a Epistemologia da Complexidade (Morin, 2011), que proporciona possibilidades conceituais para compreender os fenômenos linguísticos em toda sua heterogeneidade e interdependência.

Dessa maneira, a LA inaugura uma nova postura na qual somos chamados ao engajamento com a vida social. Trata-se de uma perspectiva que insere a LA em um viés crítico que significa estar atento e posicionar-se frente às relações naturalizadas e negligenciadas as quais permitem, ainda hoje, que injustiças sociais se materializem. Nesse sentido, a ideia é procurar ir além da simples descrição dos fatos buscando desvelar os olhares que sustentam certas verdades e questionar as regras que se impõem como naturais. Ao incentivar o pensamento crítico e a reflexão promove novas maneiras de enxergar o mundo e com ele se relacionar, de modo mais ético e sensível.

Fabício (2006) expõe procedimentos metodológicos que inspiram uma prática de LA engajada e problematizadora, pois está

envolvida em um contínuo questionamento das premissas que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões a respostas de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões a respostas definitivas e universais, por compreender que elas significam a imobilização do pensamento; que tem clara postura epistemológica, entendendo que a produção de conhecimentos não é neutra, pois se encontra entretecida a um domínio de práticas sócio-historicamente situadas [...] (Fabício, 2006, p.60-61).

Nesse caminho, Pennycook (2006) apresenta a Linguística Aplicada Crítica (LAC) como um campo de ação que busca questionar as condições de produção do conhecimento visando o engajamento social dos sujeitos assumindo um compromisso com a transformação das realidades socioculturais por meio do incentivo à novas formas de compreender e agir no mundo.

Assim, a LAC nos convida a estudar a linguagem não apenas como um código, mas como um ato político e social. Ao adotar essa postura atentamos para a prática de justiça, de resistência à dominação e de construção coletiva de sentidos e identidades, logo poderemos ter uma sociedade mais justa.

Isto posto, a reflexão a respeito da crise de paradigmas na LA e sua abertura a novas epistemologias direciona à necessidade de entender como a Epistemologia da Complexidade, ao apresentar fundamentos para negociar com as incertezas, ligações e retroações podem auxiliar à compreensão e transformação dos fenômenos humanos, por meio da linguagem.

### 3. A Epistemologia da Complexidade: princípios e implicações para as ciências humanas

A Epistemologia da Complexidade (Morin, 2005, 2011) tem origem na crítica ao pensamento simplificador e fragmentador da modernidade, que separa o sujeito do objeto, o todo das partes e o saber científico dos saberes cotidianos. De acordo com Morin (2005, 2011) compreender a realidade exige um pensamento que: una, articule e contextualize, aceite a incerteza e o inacabamento como dimensões constitutivas do conhecer. Ainda para o autor:

A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução [...]. Trata-se de um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar [...]. O pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras e redutoras de uma simplificação que se considera reflexo do real (Morin, 2011, p. 6–7).

Morin (2005, 2011) propõe que todo fenômeno humano deve ser entendido a partir de suas múltiplas dimensões biológica, social, histórica, cultural, afetiva e simbólica, em um processo contínuo de interdependência e transformação.

Em consonância, Freire (2020) destaca que o pensamento complexo proposto por Morin ressoa profundamente na LA contemporânea, pois ambos compartilham o mesmo princípio de dialogicidade: reconhecer que o conhecimento se constrói na relação e na coexistência das diferenças. A Epistemologia da Complexidade é pressuposto e desdobramento do viver, e a linguagem é o tecido que sustenta esta epistemologia no cotidiano humano. Como afirma a autora (Freire, 2013, p.177), a Complexidade constitui-se como “um modo de pensar, de ser e estar no mundo, de encarar a vida e de lidar com as situações cotidianas”, de modo que ela não se limita à teoria, mas atravessa práticas, relações e modos de existência.

Entre os operadores cognitivos do pensamento complexo, destacam-se: os princípios da recursividade, dialógico, hologramático e da autoecoorganização. No princípio da recursividade os efeitos retornam sobre as causas, transformando-as. No campo da LA, isso significa

compreender que a linguagem é ao mesmo tempo produto e produtora das relações sociais. No princípio dialógico, os elementos opostos coexistem e se complementam, como ordem e desordem, estabilidade e mudança. Na linguagem, isso poderia ser exemplificado pelo individual e o coletivo, o local e o global que se entrelaçam. No princípio hologramático, o todo está nas partes e as partes contêm o todo. Assim, cada ato comunicativo reflete dimensões macroestruturais da cultura e da sociedade. Na autoecoorganização todo sistema vivo e social se organiza em interação com seu meio, o que implica reconhecer a adaptabilidade e a interdependência como propriedades fundamentais da linguagem.

Conforme o pensamento complexo, a articulação dos saberes ressalta o lado emocional, o espiritual, o cognitivo e o racional do ser humano de maneira a possibilitar a convivência com a diversidade, fato que pode auxiliá-lo a solucionar os problemas do cotidiano. Essa ligação de saberes proporciona uma formação do indivíduo de maneira a construir novos conhecimentos que o auxiliem a lidar com o acaso. Conforme Moraes:

olhar para si mesmo e reconhecer-se como pessoa, descobrir seus talentos e competências, sua criatividade, sua sensibilidade e sua flexibilidade estrutural em relação ao conhecimento; perceber sua capacidade de antecipação e de adaptação às situações emergentes caracterizadoras de nossa realidade mutante (Moraes, 2007, p.19).

Essa Epistemologia Complexa é uma teoria do conhecimento, também uma ética da responsabilidade. Consoante com Morin (2005, 2011), pensar de modo complexo é reconhecer os limites do próprio saber e valorizar o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, científico, artístico, popular, espiritual, em uma ecologia das ideias. Desse modo, apresenta-se como um pensamento capaz de oferecer novos caminhos para a compreensão da vida na Terra de modo a situá-la no conjunto de condições produzidas pelo homem.

Neste mundo plural, dinâmico e interconectado, a globalização e a mundialização são processos históricos que permeiam a nossa vida e nessa esteira lidamos, por exemplo, com competitividade, materialismos, isolamento e intolerância que se impõem de maneira rígida e linear desintegrando os diversos saberes. A tensão entre essa postura e a necessidade de uma reelaboração/transformação no pensar e agir exige um pensamento que aspire ao saber multidimensional a fim de valorizar a articulação e integração das diversas formas de conhecimento no intuito de compreendermos que a realidade não pode ser vista sob um único e estático olhar.

Nesse sentido, em *A Via para o Futuro da Humanidade* (Morin, 2013) continua-se a apontar para a necessidade de desvendar a cegueira sobre os problemas sociais, haja vista a permanência de uma ignorância global que insiste no embaçamento das diferenças e peculiaridades do homem complexo entendido como um ser constituído por dimensões físicas, biológicas, mentais, psicológicas, culturais, sociais e espirituais. Neste viés:

Esse cidadão é o que reformando seu pensamento e sua forma de construir conhecimentos, irá se transformar, reconhecendo-se sistêmico, recursivo, dialógico, hologramático e, portanto, complexo. Reconhecer-se um cidadão complexo, planetário, oportuniza conscientização, autonomia/dependência, transformação (Brauer e Freire, 2021, p. 321).

Sob essa ótica, entendemos que, em uma perspectiva complexa, o pensamento está voltado para a formação de um sujeito com habilidades para o enfrentamento dos desafios do cotidiano transcendendo posturas limitadoras, preconceituosas e redutoras. Nesse contexto, a compreensão do outro, o respeito ao pluralismo e a multiculturalidade bem como a ética são posturas que convergem para uma sociedade mais inclusiva e solidária.

Ao entender os princípios da Epistemologia da Complexidade e suas implicações para um novo ser e agir sociais, seguimos para uma perspectiva que valoriza as interligações entre diferentes saberes, e que propõe maneiras de integração entre estes, ação que pode se concretizar por um viés transdisciplinar.

#### **4. Transdisciplinaridade: um novo modo de construir conhecimento**

A Transdisciplinaridade, enquanto abordagem epistemológica, propõe ultrapassar os limites das disciplinas e promover o diálogo entre diferentes formas de conhecimento. Na Linguística Aplicada, isso se expressa na interação com campos como a educação, a sociologia, a psicologia, os estudos culturais e a filosofia da linguagem. Para Celani (1998, p.132 grifos da autora), “a transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a coexistência, em um estado de interação dinâmica [...]”. Ainda, para a linguista aplicada (Celani, 1998, p. 140- 141) Transdisciplinaridade é uma ação que envolve “uma reestruturação de organização: novos parceiros, novas concepções, novas abordagens, novas compreensões e novos sistemas”.

Nicolescu (1999) introduz a noção de Transdisciplinaridade como um modo de pensamento que ultrapassa as fronteiras disciplinares e reconhece a coexistência de múltiplos níveis de realidade. Diferentemente da interdisciplinaridade, que promove o diálogo entre disciplinas, ou da multidisciplinaridade, que apenas as justapõe, a Transdisciplinaridade propõe uma integração ontológica e epistemológica, em que o conhecimento emerge entre, através e além das disciplinas. Para o autor é possível compreender que:

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 1999, p.53).

O autor (Nicolescu, 1999) ainda menciona que a Transdisciplinaridade é proveniente dos estudos de pensadores como Jean Piaget e Edgar Morin e que foi desenvolvida para indicar a necessidade de uma transgressão das fronteiras entre as disciplinas, principalmente na área do ensino. Podemos observar este avanço da transdisciplinaridade no trecho a seguir:

O transdisciplinar é o que dá um passo além da interdisciplinaridade no tratamento teórico de um tema ou objeto. Seria como um salto de qualidade, uma auto-superação científica, técnica e humanística capaz de incorporar à própria formação, em grau elevado, quantitativa e qualitativamente, conhecimentos e saberes diferenciados. Mas há que ser um processo ordenado, quase sempre longo, que resulte numa síntese harmoniosa, abrangente e multifacetada (Coimbra, 2000, p.58).

Para Santos e Sommerman (2009), pesquisar os aspectos significativos de uma teoria pedagógica apoiada na Transdisciplinaridade significa procurar novas contribuições no que se refere ao processo ensino-aprendizagem, e fundamentando-se nos princípios de uma visão crítica. Assim, uma educação duradoura parece necessitar de Transdisciplinaridade, especialmente se levado em consideração a afirmação:

A educação transdisciplinar lança uma luz nova sobre uma necessidade que se faz sentir cada vez mais intensamente em nossos dias: a necessidade de uma educação permanente. Com efeito, a educação transdisciplinar, por sua própria natureza, deve efetuar-se não apenas nas instituições de ensino da escola maternal à Universidade, mas também ao longo de toda a vida e em todos os lugares em que vivemos (Nicolescu, 2005, p.11).

Deste modo, a Transdisciplinaridade significa transgredir a lógica da não-contradição, articulando os contrários: sujeito e objeto, subjetividade e objetividade, matéria e consciência, simplicidade e complexidade, unidade e diversidade. Ao articular esses pares binários, por meio

da lógica do terceiro termo incluído, a compreensão da realidade ascende a outro nível, tomando um significado mais abrangente e sempre em aberto para novos processos.

Conforme enfatiza Freire (2020, p. 255), a Transdisciplinaridade “acarreta uma visão mais aprimorada da realidade, rompendo fronteiras de saberes disciplinares”. Esse viés não nega a especificidade das disciplinas, mas propõe a construção de pontes entre elas, com vistas ao desenvolvimento de saberes que possam responder às demandas complexas da realidade contemporânea. A Transdisciplinaridade, ao ser incorporada na LA, requer uma atitude investigativa que reconheça a incompletude e a dialogia como fundamentos epistemológicos. Para ela, a pesquisa transdisciplinar é um exercício de escuta e de abertura ao inesperado, uma prática que exige do pesquisador sensibilidade e ética para tecer relações entre saberes distintos.

Essa perspectiva desafia a hierarquia dos saberes e defende uma visão inclusiva do conhecimento, que acolhe a incerteza e o inesperado. Na LA, tal perspectiva desenvolve o horizonte metodológico e epistêmico do campo, permitindo que o pesquisador mobilize saberes oriundos da educação, da filosofia, da sociologia, da arte e das práticas culturais, para compreender a linguagem como fenômeno complexo e relacional.

Segundo Morin (2005, 2011), a Transdisciplinaridade procura a ligação de diferentes saberes por meio de uma ecologia cognitiva. Deste modo, pensar transdisciplinarmente implica valorizar a sensibilidade, a intuição e a experiência no processo de conhecer dimensões frequentemente marginalizadas pela tradição racionalista moderna.

Essa articulação de saberes reflete-se também nas práticas pedagógicas, especialmente no ensino de línguas, em que se busca compreender o processo de aprendizagem como fenômeno social, emocional e cognitivo. A Complexidade convida o professor-pesquisador a adotar uma postura investigativa e reflexiva, capaz de integrar múltiplos olhares e experiências.

Desse modo, ao observar que a Transdisciplinaridade pode desenvolver o diálogo entre diferentes campos do saber, compreenderemos também como sua articulação com a Linguística Aplicada e com a Epistemologia da Complexidade oportuniza espaço para práticas investigativas e pedagógicas inovadoras.

## 5. Diálogos entre: LA, Complexidade e Transdisciplinaridade

A aproximação entre LA, Complexidade e Transdisciplinaridade possibilita a construção de práticas investigativas e pedagógicas mais reflexivas, dialógicas e éticas, capazes de responder às demandas de contexto plurais e multiculturais.

Conforme Freire (2020), essa ligação de saberes representa um modo de tecer redes de sentido, nas quais o conhecimento deixa de ser um produto isolado e passa a ser compreendido como processo vivo de interação entre sujeitos, culturas e linguagens. Tal perspectiva desafia a escola e a pesquisa a abandonarem o modelo transmissivo de conhecimento, substituindo-o por uma prática colaborativa e inclusiva, que acolhe as diferenças e potencializa a criatividade.

Rojo (2013) e Menezes de Souza (2011) exemplificam esse movimento ao articular letramentos múltiplos e educação crítica, reconhecendo que o ensino de línguas envolve dimensões identitárias, políticas e afetivas. Nessas abordagens, a linguagem é vista como prática social e a sala de aula como espaço de negociação de significados e de desenvolvimento de conhecimentos coletivos.

Fabício (2017) reforça que o pesquisador da LA deve assumir uma postura de escuta sensível e responsiva, reconhecendo o outro como sujeito epistêmico. Essa atitude aproxima o fazer científico de uma ética da alteridade, em que compreender o outro implica também ser transformado por ele.

Ao refletir sobre os princípios da Complexidade e a Transdisciplinaridade, a LA se torna capaz de lidar com fenômenos que escapam às lógicas binárias e lineares, como a globalização, o hibridismo linguístico, as práticas digitais e as novas formas de letramento. Essa articulação convida a um novo tipo de racionalidade: a racionalidade integradora e relacional, que reconhece a coexistência de contradições e a multiplicidade de perspectivas.

A Epistemologia da Complexidade (Morin, 2005, 2011) possibilita a superação das dicotomias tradicionais do pensamento moderno como sujeito/objeto, teoria/prática, ciência/arte e a construção de um pensamento que considera a incerteza e a interconexão dos fenômenos.

A LA, ao adotar essa epistemologia, passa a compreender a linguagem como um sistema vivo e dinâmico, cujas práticas discursivas refletem e produzem identidades, ideologias e relações de poder.

De acordo com Freire (2020), pensar a Linguística Aplicada na Epistemologia da Complexidade é reconhecer que o conhecimento não se dá de forma linear, mas em rede, em constante (re)construção e movimento. Essa concepção reforça a ideia de que a linguagem e o

sujeito são atravessados por múltiplas dimensões e que o pesquisador deve assumir uma postura ética e reflexiva diante dessa Complexidade.

Assim, a LA deixa de ser apenas uma área de aplicação e passa a ser um espaço de problematização, em que se investigam práticas discursivas em contextos concretos, levando em conta suas dimensões históricas, sociais e culturais.

A articulação entre a LA, Complexidade e Transdisciplinaridade possibilita um viés epistemológico para repensar o papel da linguagem na contemporaneidade. Essa tríade propõe uma ruptura com o pensamento linear e a adoção de uma visão ecossistêmica do conhecimento, na qual sujeito, mundo e linguagem se coproduzem.

Fundamentando-nos em Freire (2007), compreendemos que o pesquisador da LA é alguém que, ao dialogar com a complexidade do real, constrói ligações entre teoria e prática, ciência e vida. Essa imagem do pesquisador traduz uma ética de envolvimento, em que o conhecimento é descrito, vivido e transformador.

No âmbito educacional, essa perspectiva convida a práticas pedagógicas que valorizem o diálogo, a coautoria e a autonomia dos sujeitos. Um exemplo disso é o ensino de línguas orientado por projetos colaborativos, em que os estudantes constroem saberes de forma coletiva, articulando experiências pessoais, conhecimentos acadêmicos e saberes comunitários.

Ainda nesse caminho, podemos pensar que a linguagem como uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento de uma postura que vise as dimensões racional, emocional e física dos alunos podem ser implementadas, por exemplo, por meio da problematização de práticas linguísticas e sociais, discussão do preconceito linguístico; desenvolvimento de projetos que envolvam questões de gênero, raça, identidade, meio ambiente, desigualdade social conectando ao uso da linguagem; valorização das experiências e repertórios reconhecendo as identidades locais; trabalho com gêneros multimodais, incentivando a leitura crítica; formação da consciência linguística e cidadã, tornando a sala de aula um espaço de empoderamento e cidadania crítica.

Na pesquisa, a Complexidade e a Transdisciplinaridade desafiam os métodos tradicionais, estimulando abordagens qualitativas, narrativa e etnográficas que considerem as múltiplas vozes e contextos envolvidos na produção de conhecimento.

Dessa maneira, a LA, ao dialogar com a Complexidade, se transforma em um espaço ético-

político de resistência, no qual o conhecimento é concebido como prática contextualizada e relacional.

As discussões apresentadas nesta seção revelam que o diálogo entre Linguística Aplicada, Complexidade e Transdisciplinaridade desenvolvem vieses teóricos e metodológicos que convidam a uma prática educativa e investigativa comprometida com a ética, a pluralidade e a transformação social.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou refletir sobre as interfaces entre a LA, a Epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade, evidenciando como essas perspectivas podem contribuir para a construção de prática pedagógicas e investigativas mais éticas, dialógicas e contextualizadas.

Argumentamos que a Epistemologia da Complexidade e o pensamento transdisciplinar desenvolvem as possibilidades de compreensão e intervenção nos fenômenos de linguagem especialmente em contextos de ensino e aprendizagem caracterizados pela diversidade e pela fluidez.

Defendemos, com Morin (2005, 2011) e Fabrício (2006, 2017), uma LA que lide com o inacabado e a incerteza, e que os acolha como parte constitutiva de sua prática de pesquisa e educativa; uma LA comprometida com a pluralidade epistemológica, a ética da responsabilidade e a transformação social.

A partir das reflexões de Freire (2020), compreendemos que a LA analisa fenômenos linguísticos e contribui para a construção de práticas sociais mais éticas, solidárias e integradoras. Dessa forma, a complexidade é uma atitude epistemológica diante da vida, do conhecimento e da linguagem.

Assim, pensar a LA em perspectiva complexa é assumir o desafio de construir um conhecimento vivo, aberto e dialogal, um conhecimento que reconhece a interdependência entre linguagem, sujeito e mundo e que busca, na convivência das diferenças, sua maior força criativa.

### **Informações complementares:**

#### **a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:**

As duas autoras, Karin Claudia Nin Brauer e Suzanny Pinto Silva, participaram do planejamento e redação do presente manuscrito. Ambas escreveram o artigo, contribuindo com a redação em cada seção e revisão do texto.

**b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:**

Nosso artigo foi um estudo de natureza bibliográfica, não usamos de coleta de dados.

**c) Declaração de conflito de interesse:**

Declaramos não haver conflitos de interesse.

**d) Avaliação por pares:**

✓ **Avaliador 1:** Solange Lopes Vinagre Costa (aceitar)

O artigo está bem elaborado, com argumentações embasadas em fundamentação teórica e é pertinente. Embora não apresente novidades em termos de conceitos teóricos ou estudos práticos, articula três áreas do conhecimento e poderá contribuir para reflexões sobre o assunto. Embora aprovado sem restrições, há necessidade de correções, principalmente pontuação, e outras sugestões apontadas em comentários no arquivo.

✓ **Avaliador 2:** Tatiane Molini Barros (correções obrigatórias)

O artigo "A Linguística Aplicada em Perspectiva Complexa: diálogos transdisciplinares com a epistemologia da complexidade" propõe uma reflexão relevante e atual sobre a interface entre a Linguística Aplicada (LA), a Epistemologia da Complexidade e a Transdisciplinaridade, buscando caminhos epistemológicos e metodológicos para um mundo plural e interconectado. O tema é de extrema pertinência para o campo da Educação e Linguagem, alinhando-se à postura crítica e indisciplinar da LA. A discussão sobre a crise de paradigmas na LA e sua abertura para o pensamento complexo é bem fundamentada. O artigo avança uma perspectiva que fortalece modos de agir e pensar, articulando saberes e práticas para dialogar com as realidades contemporâneas. A articulação da tríade LA, Complexidade e Transdisciplinaridade é coerente e representa um modo de tecer redes de sentido no conhecimento. O texto está bem articulado, com a argumentação se desenvolvendo de forma fluida da crise de paradigmas da LA até a proposta de diálogos transdisciplinares. O autor demonstra um domínio seguro do conteúdo. As referências estão adequadas e atuais, em conformidade com o rigor da revista. O artigo possui alta qualidade e relevância para a área de Educação e Linguagem. As contribuições teóricas são significativas. As revisões sugeridas são pontuais e de natureza menor. No item 5 (seção 3.2 do documento, na parte do "Diálogos entre: LA, Complexidade e Transdisciplinaridade"), no penúltimo parágrafo antes das considerações finais, a expressão "aproxima o faz científico" deve ser corrigida para "fazer científico" ou, mais formalmente, "fazer científico" ou "fazer/fazer-se científico" para manter a coesão com "ética da alteridade"..

## Referências

BRAUER, Karin Claudia Nin; FREIRE, Maximina Maria. Paulo Freire e Edgar Morin: a complementaridade de um diálogo possível. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas/SP, n.60.1, p.316-327, 2021.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade da Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 129-142.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é linguística aplicada? In: PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto; CELANI, Maria Antonieta Alba. (Orgs.) **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUÇ, 1992. p. 21

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. Considerações sobre a Interdisciplinaridade. In: PHILLIPI, Arlindo. et al. **Interdisciplinaridade em Ciência Ambientais**. São Paulo, Signus Editora, 2020

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Moita Lopes, Luiz Paulo (org.) **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Complexidade, ética e alteridade na Linguística Aplicada contemporânea**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 17, n. 2, 2017.

FREIRE, Maximina Maria. **Linguística Aplicada, complexidade e transdisciplinaridade: tecendo redes de sentido e articulando saberes**. Educação & Linguagem, v. 23, n. 1, p. 245-261, jan./jun. 2020. ISSN impresso 1415-9902. ISSN eletrônico 2176-1043.

FREIRE, Maximina Maria. **Complex Educational Design: A Course Design Model Based on Complexity**. Campus-Wide Information System, vol.30, no.3, p.174-185. 2013.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: Moita Lopes, Luiz Paulo (org.). **Linguística Aplicada em transformação**. São Paulo: Parábola, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAES, Maria Candido. **A formação do educador a partir da complexidade e da transdisciplinaridade**. Diálogo Educacional, v.7, n.22, p.13-38, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction**. London: Routledge, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2013.

---

SANTOS, Akiko.; SOMMERMAN, Ana Cristina Souza dos Santos. **Complexidade e transdisciplinaridade: em busca da totalidade perdida**. Porto Alegre: Sulina, 2009